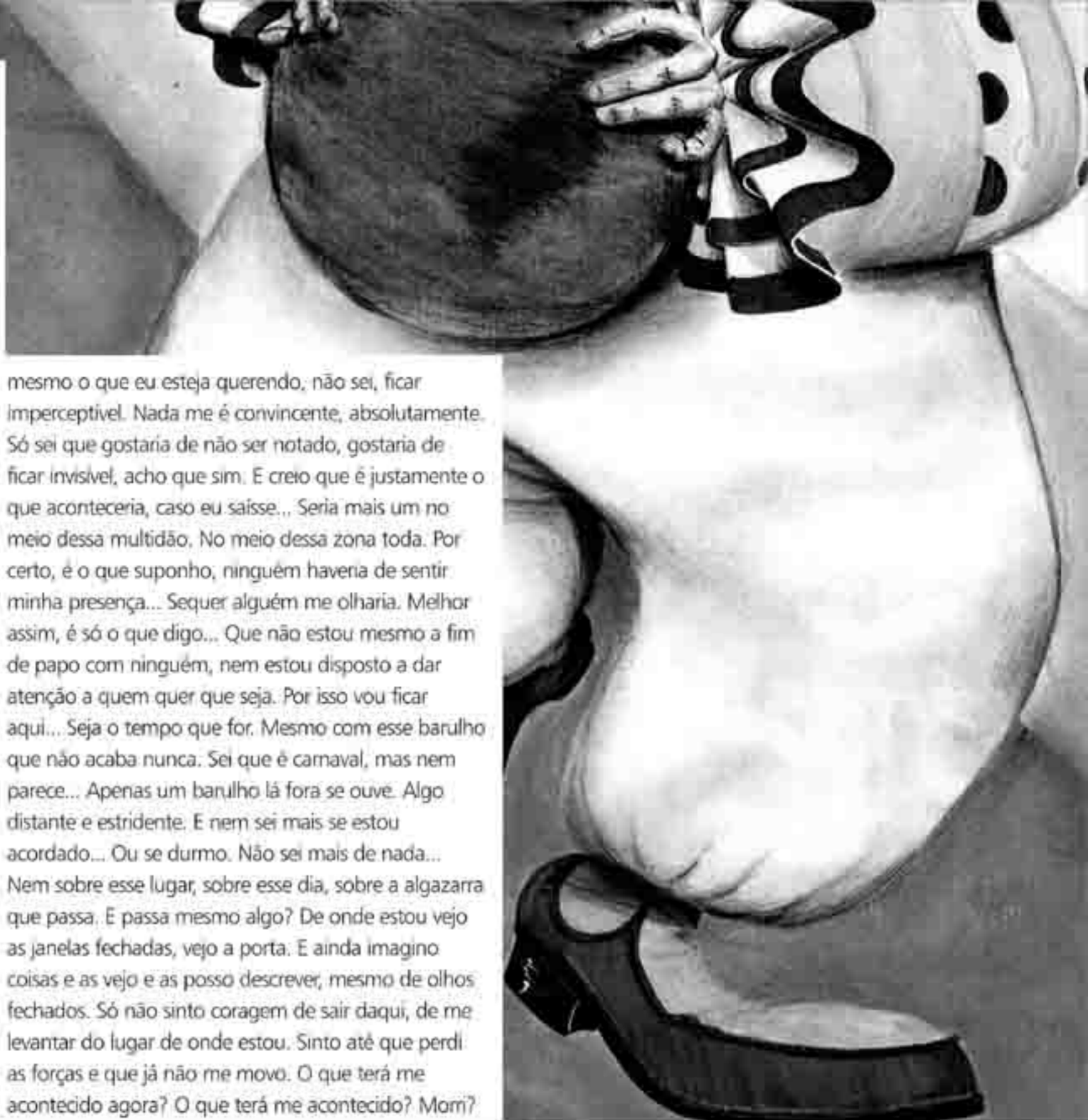


Carnaval

Paulo Marcondes

Prof.^o do Dept.^o de Ciências Sociais
CFCH - UFPE



Todo esse barulho lá fora e eu aqui. É carnaval e nem parece. Tanta alegria pra nada... Prazer etéreo e fugaz. Nada alivia a dor. Não vou sair. Quero ficar aqui, em silêncio. E sei das razões de não sair. Sei que essa é a melhor forma de não ser lembrado, ficar aqui. Não há telefone nesse lugar. Não há uma viva alma que me apareça à porta. E todo esse barulho, que não me deixa dormir... Há horas penso em tudo o que foi dito, e no que ficou silenciado. Não havia coragem em se dizer qualquer coisa. Nem mesmo que aquele tempo se perdesse. Todo esse barulho lá fora e nada tem significado pra mim. Acho que perdi o gosto das coisas. Acho que é justamente isso. E não por medo, mas por algo ainda bem pior. Inestimavelmente pior. Por que não há nada pior que a indiferença. Sim, talvez seja por indiferença. Essa a chave do meu silêncio... De todas as ausências. Parece que já vai um ano o tempo em que estou aqui. Já não como, não me banho, não cago. Só algo de bem longe escuto: o barulho desse carnaval estúpido. Não há mais nada a fazer aqui... Nada. Mas não posso sair. Sei que não posso. Não agora, que mais pareço que estou... Sei lá... Fantasiado de mendigo. E mendigo no carnaval, sabe como é, não tem vez. Fica ainda mais invisível que em dias normais. Talvez seja isso

mesmo o que eu esteja querendo, não sei, ficar imperceptível. Nada me é convincente, absolutamente. Só sei que gostaria de não ser notado, gostaria de ficar invisível, acho que sim. E creio que é justamente o que aconteceria, caso eu soubesse... Seria mais um no meio dessa multidão. No meio dessa zona toda. Por certo, é o que suponho, ninguém haveria de sentir minha presença... Sequer alguém me olharia. Melhor assim, é só o que digo... Que não estou mesmo a fim de papo com ninguém, nem estou disposto a dar atenção a quem quer que seja. Por isso vou ficar aqui... Seja o tempo que for. Mesmo com esse barulho que não acaba nunca. Sei que é carnaval, mas nem parece... Apenas um barulho lá fora se ouve. Algo distante e estridente. E nem sei mais se estou acordado... Ou se durmo. Não sei mais de nada... Nem sobre esse lugar, sobre esse dia, sobre a algazarra que passa. E passa mesmo algo? De onde estou vejo as janelas fechadas, vejo a porta. E ainda imagino coisas e as vejo e as posso descrever, mesmo de olhos fechados. Só não sinto coragem de sair daqui, de me levantar do lugar de onde estou. Sinto até que perdi as forças e que já não me movo. O que terá me acontecido agora? O que terá me acontecido? Morri?

Caranguejo de Andada

Washington Guedes

Prof.^o substituto de Prática de Ensino de Música
Centro de Educação - UFPE



Por que esse nome - Caranguejo de andada?

Porque sai andando como um caranguejo. Algum tempo atrás, quando os mangues ainda existiam no bairro do Pina (alguns fundadores são de lá), quando trovejava, as pessoas saíam para pegar os caranguejos que saíam dos buracos caminhando sem rumo pelas estradas. Hoje não existem tantos como naquele tempo, diminuiu muito.

O nosso bloco também sai andando a esmo, daí surgiu a idéia de denominá-lo Caranguejo de andada.

O bloco é de Olinda? Quando foi criado?

Sim, com componentes do Recife, mas anda mais em Olinda. O bloco existe há onze anos.

Como era formado no início? Era um grupo pequeno?

Era no início e continua pequeno até hoje. Começou da seguinte forma: juntamos alguns instrumentos de percussão e uma flauta de pífano (que eu toco), daí saíamos pela rua tocando.

Não tem registro, não é uma troça, nem um bloco é um troço - é o primeiro troço carnavalesco do país. Quanto aos componentes, tem o Marcos (percussionista), o idealizador, eu (Washington Guedes), Mário Luís, (violonista e compositor), Silvânia Ramos, minha

aluna do Centro de Música de Olinda, o Cacau, o Eric e o Evson Malaquias (UFPE), que encontramos no meio do caminho.

Nós saímos levando vários instrumentos e distribuímos para aqueles que querem tomar parte do grupo. Muitos turistas participam assim, a pessoa pega um instrumento e sai tocando junto. Ou pega o estandarte e sai na frente.

Então vocês têm um estandarte?

Sim, é um pano com o nome. De vez em quando fazemos camisas também. E dessa forma, saímos pelas ruas tocando, subindo e descendo ladeira.

Assim se torna um grupo grande?

Sim, vai ficando grande, mas sem compromisso. O grupo também é de andada, as pessoas vão chegando e saindo. Para se ter uma idéia, no primeiro dia eu cheguei atrasado e o Caranguejo já tinha saído, então eu sai por Olinda, depois encontrei o pessoal no meio do caminho e segui tocando com eles.

Por quanto tempo e por onde o grupo anda?

Qual o roteiro?

Nós andamos na primeira vez, uma média de

doze horas, chegou um momento em que estávamos em ruas que não tinha ninguém, pois todos tinham ido brincar. Não temos itinerário, horário, nem número de participantes determinados.

Geralmente passamos por alguns pontos como a pracinha Duarte Coelho, depois paramos na praça da Preguiça, onde ficam as barracas dos partidos políticos. Ali, nós tocamos, cantamos, fazemos alguma manifestação, algum protesto, recitamos poesias...

Você tem algum hino próprio, alguma música? Que tipos de música vocês tocam?

Não temos nenhum hino. Tocamos maracatu, caboclinho, mistura tudo... chega algum músico e pede pra tocar e segue junto.

Existe alguma filosofia ou alguma proposta do grupo?

Não, é não ter nenhuma proposta. A idéia é brincar mesmo, se divertir.

Pra você, o que significa fazer isso no carnaval?

Representa a brincadeira mesmo. No meu caso, é uma necessidade, um compromisso. Não posso ficar sem ir para Olinda, se eu não for me sinto mal. Como um caranguejo, tenho que ir para aquele "buraco".